

A MENINA QUE NÃO PRECISAVA DE ÓCULOS



ALEXANDRE COMPART

Projeto gráfico, capa, ilustração e diagramação:

Marcos Braga

Versão em inglês: Heloisa Diniz

Versão em espanhol: Fernando Carmo

Coordenação editorial e revisão: Luiz Gonzaga Oliveira

C736

A menina que não precisava de óculos.

Autor: Alexandre Compart. Belo Horizonte: Instituto Elo, 2014.

20p. (Série Cidadania para Crianças)

ISBN: 978-85-63077-06-6

COMPART, Alexandre. A menina que não precisava de óculos. Belo Horizonte: Instituto Elo, 2014. 20p. ISBN: 978-85-63077-06-6

© 2014, O autor

© 2014, Instituto Elo

É autorizada a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio digital, desde que citada a fonte. Para reprodução impressa integral da obra, de modo gratuito, é necessário encaminhar solicitação, via e-mail, para a editora.

INSTITUTO ELO

Diretoria Executiva

Diretor-Presidente: Gleiber Gomes de Oliveira

Diretor Institucional: Alexandre Compart

Diretor de Pesquisa e Desenvolvimento Técnico: Fabiano Neves

Diretora de Recursos Humanos: Rafaela Carvalho Naves Graziotti

Comunicação e Publicações

Luiz Gonzaga Oliveira

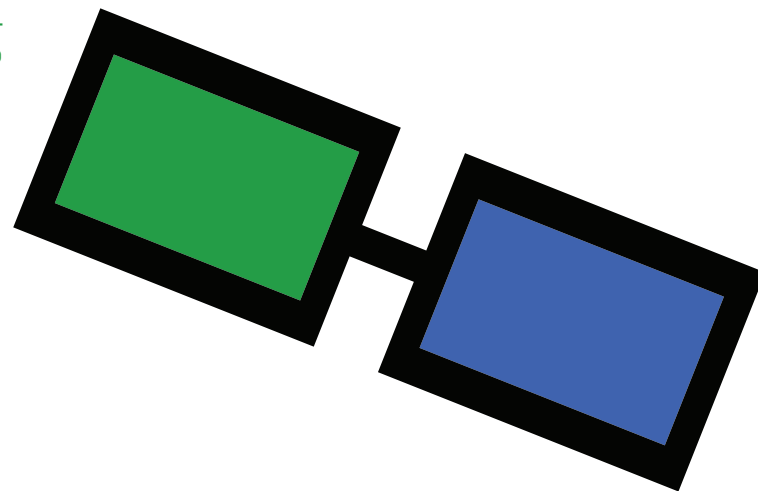
Frederico Müller Rocha Caldeira

Marcos Braga

Avenida Augusto de Lima, 2094 | Barro Preto
Belo Horizonte | Minas Gerais | Brasil
CEP.: 30190-003 | Tel.: +55 31 3237-1000

www.institutoelo.org.br

publicacoes@institutoelo.org.br





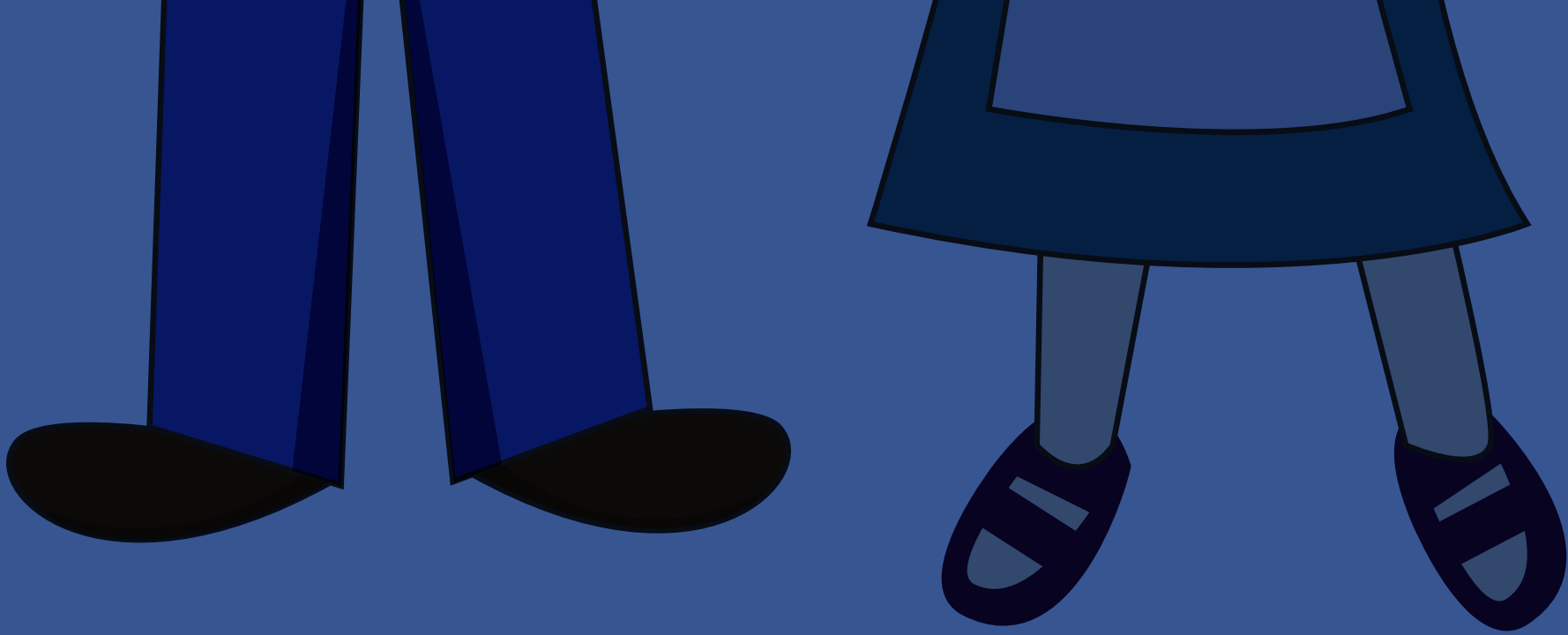
Por um momento ficaram todos olhando para a Duda. Examinaram seu rosto, suas roupas, os sapatinhos que estava usando... Duda não entendia o porque daquele silêncio. Achava que todos, sem exceção, depois de uma rápida surpresa, enfim e imediatamente, compreenderiam tudo e ficariam felizes – como ela estava até aquele momento. Talvez, um pouco admirados, por não terem percebido há mais tempo uma coisa tão óbvia. Algo que Duda, lá no fundo, sem entender muito bem, sempre soube...

Duda não era verde... era uma linda menininha azul.

Mas ninguém dizia nada. Aquele silêncio parecia totalmente sem sentido para a Duda. Queria sair dali o mais rápido que pudesse. Imaginou que talvez tivesse dito alguma coisa errada e por isso não tinham entendido direito. Pensou em repetir o que havia dito. Mas seriam as mesmas palavras:

– “Olhem. Vocês não percebem? Eu sou azul!”.

Duda, então, correu para o quarto... assustada... sem saber o que fazer... sem ter feito nada de errado... e deitada em sua cama, de olhos bem fechados, quis acordar, sem estar dormindo, daquele sonho ruim que não era um sonho.



- “Não sei o que pensar”, disse o pai da Duda.

- “Tenho certeza de que... bem... não sei direito”, disse a mãe.

E, depois de algum tempo, continuaram sem entender o significado daquilo. Não eram só palavras ditas por uma criança. Eles sabiam disso. Era simples e não era. Era isso mesmo? E agora? Esquecer? Agir como se nada houvesse, querendo talvez que nada tivesse acontecido? Proibir a Duda de dizer aquilo de novo? Eram tantas as possibilidades... Pensaram em muitas, mas esqueceram uma, a mais importante: ouvir tudo que a Duda tinha para falar.

Aquela, definitivamente, não era uma situação com a qual eles soubessem lidar. Desde que o mundo era mundo, naquele mundo distante onde viviam, todos, desde muito cedo, aprendiam que existiam somente pessoas de duas cores. Se alguém era verde era verde. Se alguém era azul era azul. E quem era azul não podia ser verde nem quem era verde podia ser azul.

Os pais da Duda conversaram muito naquela noite, uma coisa que nem sempre faziam. Estavam muito preocupados. E, ainda muito confusos, decidiram esperar os próximos dias. Se tudo não ficasse bem, ou não voltasse a ser como antes, então fariam alguma coisa.



Os dias se seguiram e Duda, mais pensativa a cada um deles, não falava muito. Nem mesmo com sua mãe, para quem sempre contava tudo. O tempo parecia andar mais devagar para todos naquela casa, a alegria mais distante, o silêncio cada vez mais profundo entre eles, a Duda mais triste e seus pais mais preocupados.

Duda sabia: era alegre, divertida, dorminhoca, muitas outras coisas... e azul. Simples assim. Então, por que tudo parecia tão estranho? Tão preocupante para seus pais que a Duda podia sentir só de olhar para eles?

A seu lado, a mãe esperava e não esperava. Pensava em falar alguma coisa e não falava. E sofria por achar que talvez não pudesse ajudar. Mas podia. Duda sentia isso. Apesar de tudo, a mãe tentou o que nem havia pensado até aquele momento:

- “Você quer conversar sobre o que disse ontem?”, perguntou para a Duda.



Era a oportunidade que Duda esperava. Mas agora, com um pouco de receio, não sabia muito bem como começar. Mesmo assim, resolveu arriscar e disse, então, aquilo que tinha mais certeza sobre si mesma:

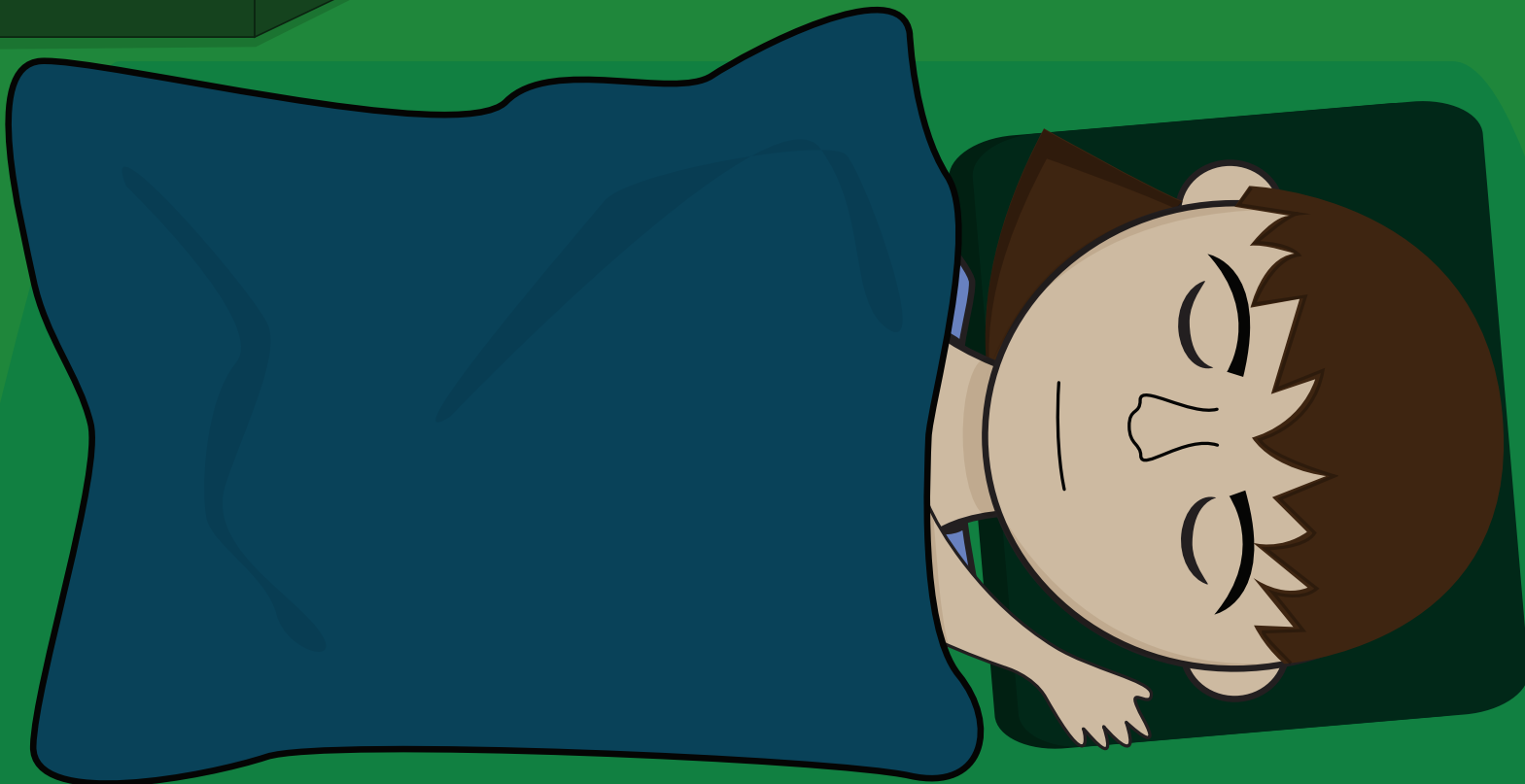
– “Mãe... você sabe... precisa saber... Não vê?... Não sou verde... sou azul! Como você!”.

Não sabendo bem o que dizer, mesmo de certo modo já esperando por aquelas palavras, a mãe sorriu para a Duda, procurando esconder dela, o melhor que pôde, suas preocupações.

Duda gostou daquele sorriso. Amava profundamente a mãe e se sentiu mais uma vez protegida. A mãe, escolhendo as palavras, sabia que precisava ouvir mais e entender melhor. Talvez não fossem as melhores palavras, mas não era tão fácil para ela. Então continuou:

– “Mas... você não quer dizer, na verdade, que gostaria de ser azul?”, perguntou a mãe.

– “Não. Eu sou! Desde sempre. Assim”, e começou a chorar.



A mãe sabia que precisava fazer alguma coisa. Mas entendeu que palavras naquele momento não eram mais necessárias. Então, deu um longo e apertado abraço na Duda.

E por algum tempo Duda se sentiu tão protegida por aquele abraço que a tristeza foi embora e ela voltou a ser alegre e divertida como sempre tinha sido.

O dia passou e, à noite, quando a Duda já estava dormindo, a mãe teve uma longa conversa com pai:

- "Parece totalmente sem sentido", disse o pai, "Isso não está certo. Não parece certo. E fazer o quê?".

- "Se não sabemos bem o que podemos fazer, precisamos encontrar alguém que possa nos ajudar", respondeu a mãe.



Naquele mundo verde e azul onde viviam, que na verdade não tinha nada de somente azul e verde, encontrar alguém que pudesse ajudar em uma situação como aquela não seria algo fácil.

Além de especialistas de verdade, como os médicos, por exemplo, havia muitas outras pessoas que se consideravam entendidas sobre tudo que se possa imaginar e geralmente eram procuradas por quem precisava de alguma ajuda ou conselho. Eram os Sabedores. Havia Sabedores de Palavras, Sabedores de Escolhas e muitos outros, até Sabedores de Tudo. O mais interessante é que, diferente dos especialistas, os Sabedores nem sempre sabiam de muita coisa. Às vezes, não sabiam de quase nada. Mas eram muito respeitados e procurados pelas pessoas. E nem era preciso muita coisa para se tornar um Sabedor. Às vezes bastava dizer: “Sou um Sabedor!”, e pronto. Muitos entre eles achavam que sabiam tanto, mas tanto, que consideravam que todo mundo que pensava diferente não sabia de nada.

A mãe, então, sem muita certeza, sugeriu:

– “Podemos procurar um médico, talvez um psicólogo”.

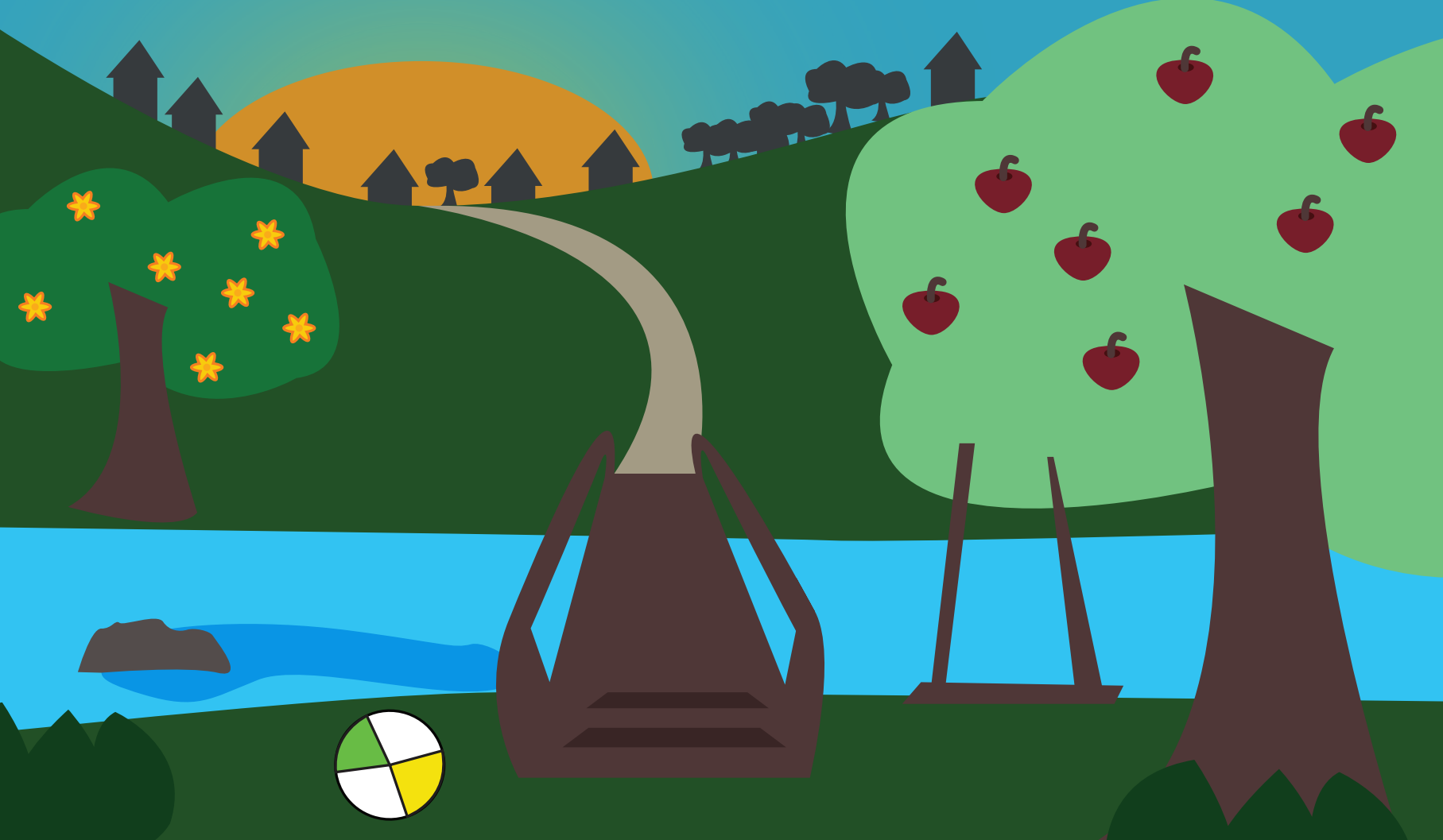
Mas o pai teve uma ideia diferente:

– “Vamos a um Sabedor de Cores!”, disse ele.

– “Mas será que um Sabedor desses poderá mesmo ajudar?”, perguntou a mãe, se perguntando também.

– “É a especialidade deles. Eles sabem tudo sobre o azul e tudo sobre o verde. Não imagino alguém mais indicado para isso”.

E decidiram, assim, ir com a Duda à um Sabedor de Cores.



Essa, no entanto, não tinha sido uma boa ideia. No fundo, eles mesmos sabiam disso. Mas aquele era um caminho que parecia natural para os pais da Duda. Quase tudo que sabiam sobre o azul e o verde aprenderam com o que diziam os Sabedores de Cores.

No mundo onde viviam, havia muitas e muitas cores, mas apenas duas, diziam os Sabedores de Cores, deveriam ser consideradas. As outras, para eles, não deveriam sequer existir.

Muitas pessoas achavam isso estranho e nada certo, um verdadeiro absurdo, mas pouca gente tinha coragem de contestar o que esses Sabedores diziam. Afinal, eles diziam isso há muito tempo... e tantas vezes repetiam e repetiam e repetiam que parecia até verdade.



Mas a Duda não sabia disso. Quando seus pais contaram aonde iriam levá-la, teve esperança. E ficou feliz. Mal podia esperar pelo dia em que conversaria com o tal Sabedor de Cores.

Era grande a sua ansiedade e a semana que antecedeu a entrevista com o Sabedor parecia não ter fim. Pensava que se explicasse para o Sabedor tudo o que sentia, ele a entenderia e, talvez, pudesse fazer com que todo mundo também a entendesse: seus pais, irmãos, tios, professores, amigos da escola... A Duda queria que todos logo soubessem ou enfim enxergassem e dissessem, talvez:

– “Mas como não percebemos antes, Duda?! É claro que você é uma menininha azul!”.



Enfim chegou o dia. Duda e seus pais saíram cedo de casa para a entrevista com o Sabedor de Cores. Pouco tempo depois, estavam aguardando serem chamados em uma sala cheia de gente. E, enquanto aguardava, Duda imaginava como seria bom quando todos pudessem vê-la como ela se via, e como isso a deixaria feliz.

Não muito tempo depois a secretária chamou por eles e os guiou até a sala da entrevista.

– “Então, é você que está com um problema nos olhos?”, perguntou o Sabedor para a Duda, assim que ela e seus pais se aproximaram.



Duda ficou confusa com aquela pergunta. Não era o que esperava ouvir. Mas, antes que pudesse falar, o Sabedor proseguiu, se dirigindo mais para seus pais do que para ela:

- “Não se preocupem. É um problema seríssimo, mas nós vamos consertar”.
- “Não sei se é isso”, respondeu a mãe, que percebeu o desapontamento e a aflição da Duda.
- “Claro que é”, afirmou o Sabedor, agora mais sério. “Só existe uma verdade sobre isso. E vocês já deviam saber. Quem é azul é azul, não pode ser verde. E quem é verde é verde, não pode ser azul”.
- “Mas...”, tentou argumentar o pai.
- “Não existe ‘mas’. Sempre foi assim, e isso não deve mudar. Fiquem tranquilos, pois temos uma solução definitiva”.

Duda, que, de tão aflita, estava como que paralisada, ouvindo a conversa, arregalou os olhos diante daquelas últimas palavras. “Uma solução definitiva?”, pensou.

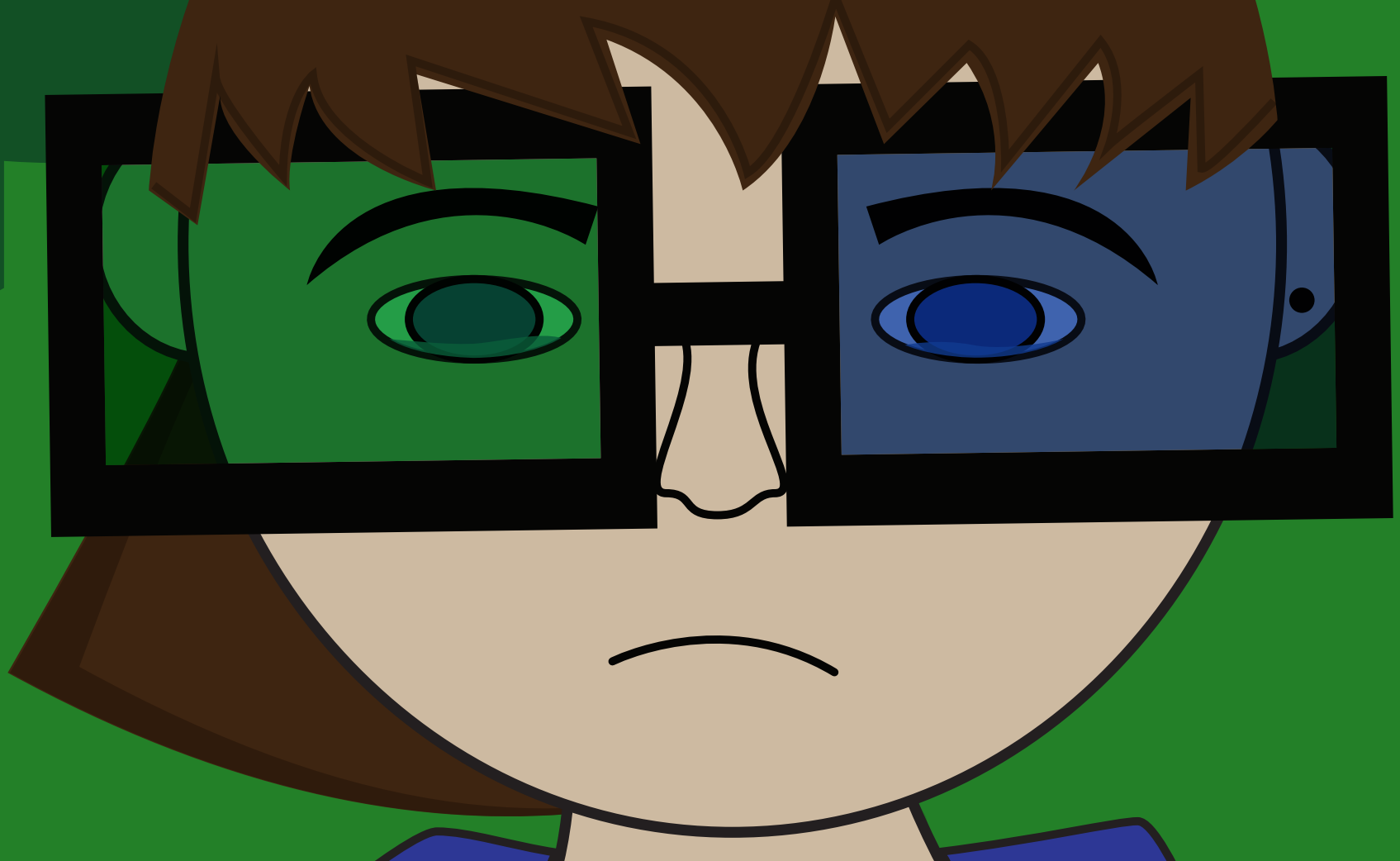


– “Exatamente”, continuou o Sabedor de Cores. “É um problema nos olhos, não há dúvida. E, nesse caso, a única solução é usar um aparelho especial: um Óculos de Ver Igual”.

Os pais da Duda nunca tinham ouvido falar naquilo. E, antes que perguntassem mais sobre aquela estranha sugestão, o Sabedor completou:

– “Não é um caso raro. Acontece, na verdade, com muitas pessoas. Mas os Óculos de Ver Igual vão resolver. Quando alguém acha que não é o que é ou acha que é diferente dos outros, estes óculos são a melhor e única solução. Vou pegar um para você que servirá direitinho”, disse o Sabedor, agora olhando para a Duda.

Os pais estavam apreensivos, mas a convicção com que o Sabedor tinha dito tudo aquilo os inibiu de perguntar qualquer coisa mais. E a Duda, que tinha tanto a dizer e esperava tão ansiosamente por isso, nem tinha sido ouvida.

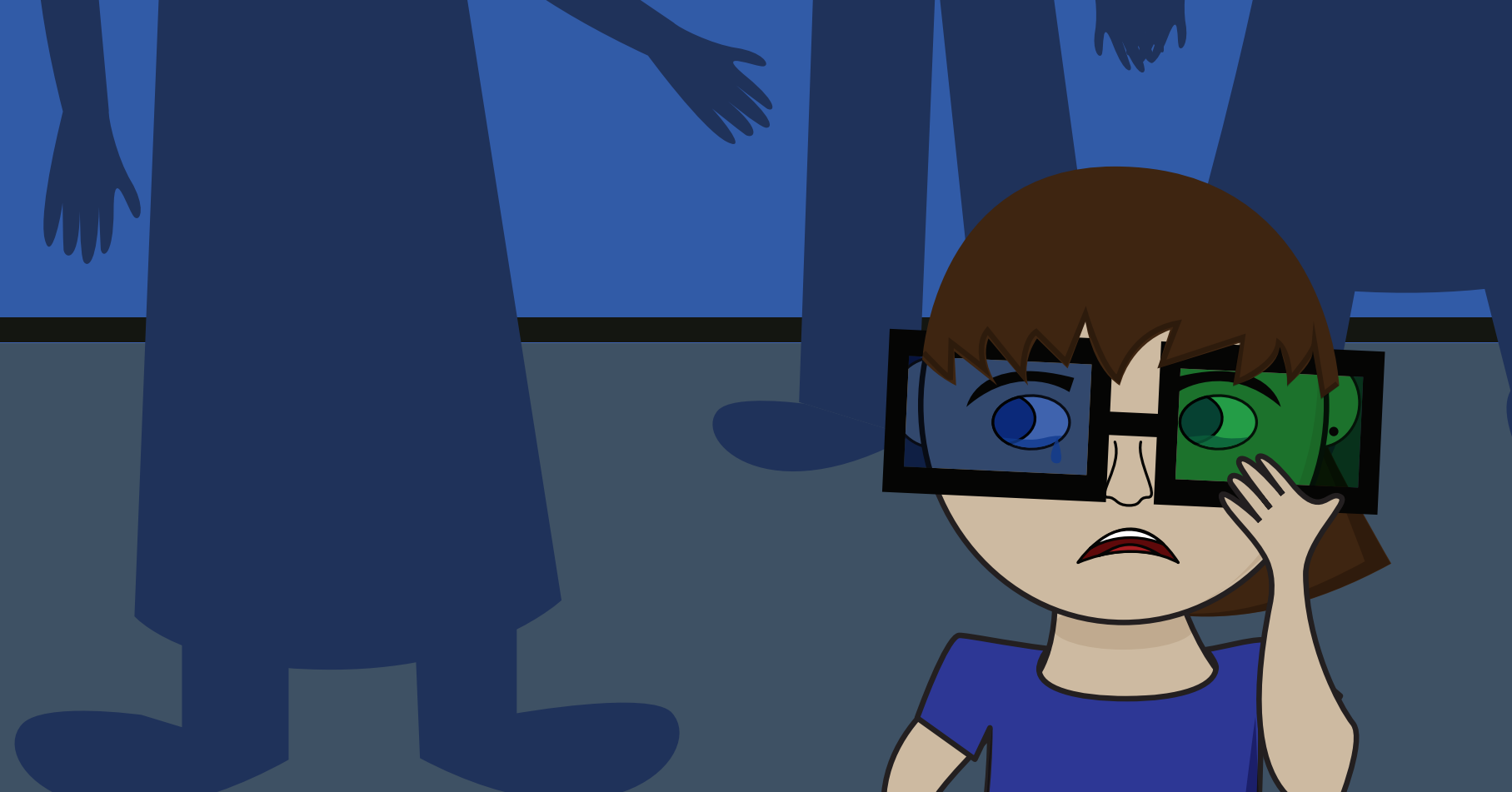


Rapidamente, de um armário que ficava no fundo da sala, o Sabedor de Cores tirou um enorme e estranho óculos, diferente de todos os que a Duda já tinha visto.

Ela adorava óculos. Nunca tinha precisado, mas sempre achava lindo alguém usando. Aqueles, no entanto, que o Sabedor trazia, Duda não sabia o porque, a deixaram muito incomodada.

De um lado havia uma lente verde... e do outro uma lente azul.

Quando o Sabedor colocou os óculos na Duda, ela sentiu um desconforto que nunca antes havia sentido, uma sensação estranha. Um pouco de vergonha... e medo também. Tinha certeza que era uma menina azul, mas aqueles óculos, assim de imediato, faziam com que a alegria que sentia em ser azul se desfizesse.

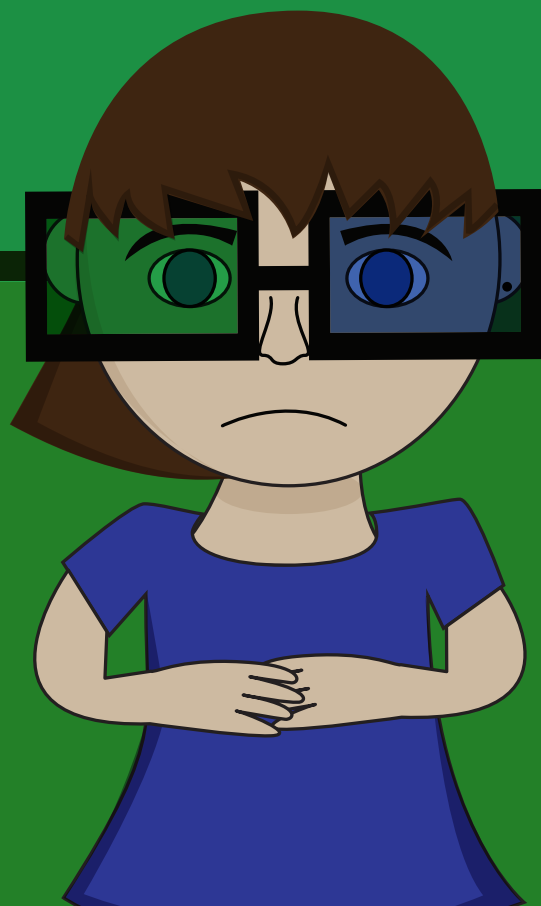


O Sabedor de Cores, virando-se para os pais da Duda, completou:

– “São incríveis, não são? Uma tecnologia antiga, mas muito eficiente. Incomparáveis no tratamento de problemas nos olhos. É preciso usar todos os dias, sem tirar sequer para dormir. Usando por toda a vida, a partir de agora, este problema certamente será resolvido”.

– “Mas parece que estão incomodando tanto...”, arriscou-se a mãe a contrariar o Sabedor.

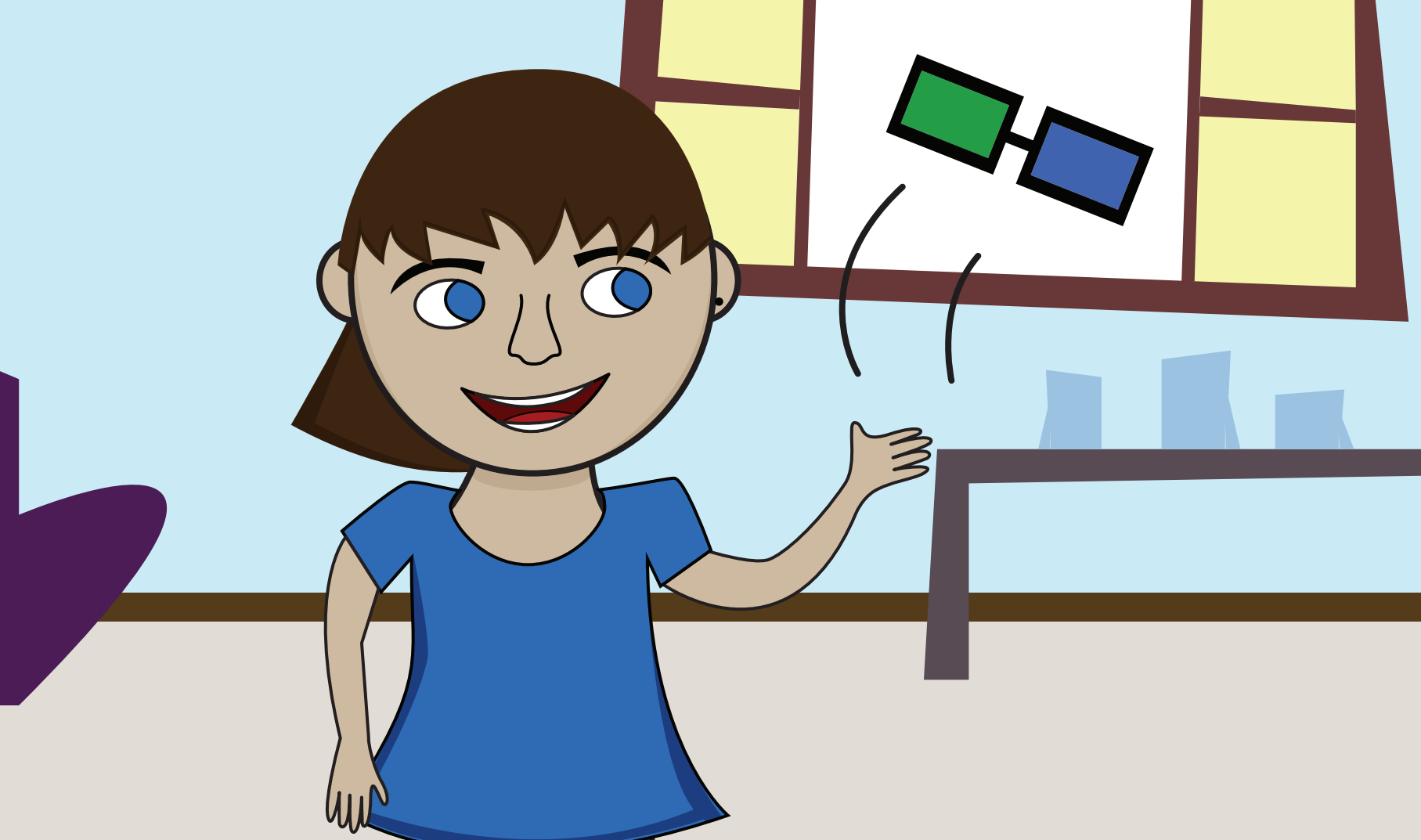
– “Isso é natural”, disse ele com convicção. “O único efeito colateral do uso destes óculos é uma certa tristeza, algo profunda... e doída. Mas a criança aprenderá a conviver com isso. E o mais importante, passará a enxergar o mundo do jeito certo. E só há um jeito certo. Azul é azul e verde é verde, claro. E nunca mais sairá por aí dizendo que é uma menina azul. Não se preocupem, a criança acabará se acostumando com os Óculos de Ver Igual e também com este efeito colateral”.



A mãe tentou ainda argumentar um pouco mais com o Sabedor, mas não adiantou. No fim, acabou concluindo que, se ele era mesmo um grande Sabedor, poderia estar certo. Saíram daquela sala com muitas dúvidas, e a Duda, usando aqueles horríveis Óculos de Ver Igual, decepcionada e sentindo-se muito infeliz. O pai também não havia ficado satisfeito com aquilo, mas achava que o melhor era ver o que aconteceria. Talvez, pensava ele, o Sabedor estivesse com a razão.



Mas não estava. Os dias passavam e a Duda ficava mais e mais triste e infeliz usando aqueles enormes Óculos de Ver Igual. Sentia que os óculos a forçavam a ver as coisas de um jeito que elas não eram. Com eles, não conseguia mais ver direito as muitas, lindas e diferentes cores que sempre via, apesar de tanta gente insistir que só deviam existir duas. Quando se via no espelho, parecia que sua imagem não se refletia direito. Tinha certeza que seus olhos não tinham problema algum. Nunca tiveram. Sabia que era azul. E agora, se sentia culpada por saber que era assim. Sem ter culpa de nada.



Os pais da Duda percebiam que aquele esquisito tratamento não estava dando certo, mas ainda achavam que isso podia mudar. Duda tentava em vão convencê-los, mas até ela estava confusa com tudo aquilo. Como seus pais poderiam entender que não havia um problema com seus olhos se também para eles Duda não era azul? E o Sabedor parecia ser tão sabedor...

Depois de algumas semanas, Duda não se conteve. Não aguentava mais usar aquele estranho aparelho. Então, decidida, tirou aqueles Óculos de Ver Igual, enxugou as lágrimas, e vendo tudo novamente, do jeito que realmente era, os jogou pela janela o mais longe que pôde. Não queria nunca mais ter que usá-los. Não podia. Queria ser o que sempre foi: alegre, divertida, estudiosa, brincalhona, carinhosa, feliz... e azul.



A mãe, vendo a Duda fazer aquilo, correu para perto dela. E olhando para a Duda, bem de pertinho, abraçada a ela, viu pela primeira vez, com nitidez, que ela tinha razão. Duda não era um menino verde, como, até então, a mãe acreditava que fosse. Era, realmente, uma linda menina azul.

Duda não dizia uma palavra. Não precisava. E não estava mais chorando. Sabia só de olhar nos olhos da mãe que muita coisa estava diferente. Sua mãe, enfim, conseguia vê-la como ela realmente era. E isso era, para a Duda, naquele momento, a coisa mais importante do mundo.



Muita coisa mudou daquele dia em diante. Duda nunca mais usou aqueles horríveis Óculos de Ver Iguar. O pai demorou um pouco mais que a mãe, mas acabou também vendo e entendendo que não havia nadinha de errado com a Duda. E juntos, para melhor entender a Duda e para ajudá-la a ser ainda mais feliz, passaram a ler e estudar tudo sobre meninos e meninas, verdes e azuis.

Ambos passaram a conversar mais com a Duda... e a ouvir tudo o que ela tinha para falar. E ela sempre tinha muitas coisas para contar. Da escola, dos amigos e de tudo que sentia.

Eles sabiam agora que muitos meninos eram verdes e muitas meninas azuis, mas também muitos meninos eram azuis e muitas meninas verdes. E que o mundo era lindo assim... com tantas cores quanto estrelas no céu. Com o tempo, muitas outras pessoas viram também que a Duda não era verde, mas uma linda menina azul.

E não voltaram a procurar o Sabedor de Cores, nem qualquer outro Sabedor. Ele podia até saber muita coisa de alguma coisa, mas de cores... não sabia de coisa alguma. Dali em diante, só procurariam pessoas que podiam ajudar a Duda de verdade, como bons médicos, que a vissem e a entendessem do jeitinho que ela era: linda, meiga e uma filha maravilhosa para seus pais.

E a Duda? Ah... a Duda estava tão feliz que podia até voar.



Este livro fala de carinho, cuidado e compreensão. Fala de meninos e de meninas. E de uma, em especial, que todo mundo achava que era um menininho, a Duda... Este livro fala, sobretudo, de amor.

Com a presente obra, o Instituto Elo inaugura a segunda fase do projeto Cidadania para Crianças. Nesta etapa, serão publicados livros que continuam abordando temáticas como o respeito e a diversidade, mas falando mais diretamente também sobre o afeto e o amor.

